

Improviso de alegrias

Instrumentista Alegre Correa vive na ilha após carreira e prêmios internacionais

Texto: Matheus Alves. Foto de capa: Stephan Mussil

Alegre Corrêa percorre descalço e sem camisa o lugar onde passa a maior parte de suas horas nos últimos meses. O Clube 55, localizado no lote número 55 de uma rua sem saída perto da praia no sul da ilha de Florianópolis, é onde desenvolve gravações, concertos, oficinas, ensaios, meditação e quantos projetos consegue criar. É também sua residência, de sua esposa Maria Teresa Piccoli e do pequeno Théo, libriano de setembro de 2017.

Desde o nascimento de Théo a casa fica muito silenciosa. Foi necessário diminuir os dias de aluguel do estúdio de gravação montado sala. O bebê precisa de um pouco de calma, e Alegre precisa aproveitar tempo com o filho. “Se não aproveitar agora, eu perdi.” Com pernas grossas e firmes para seus poucos meses, Theo não é de chorar. Acorda de noite e é alimentado pela mãe. Pela manhã, desperta cedo. É a vez de Alegre distraí-lo.

Até surgir um agito como no domingo anterior, quando estiveram reunidos em sua sala o trompetista octogenário Raul de Souza e músicos locais para uma roda de conversa., de passagem pela cidade, compartilhar sua vivência. O formato dos encontros inclui uma Jam

Session posterior, realizada no bar O Pátio. Duas semanas depois, será a vez do gaitista Gabriel Grossi, de passagem pela cidade, compartilhar sua vivência. O formato dos encontros inclui uma Jam Session posterior, realizada no bar O Pátio.

A rede de contatos de Alegre é invejável. Grandes instrumentistas visitam-no frequentemente. Alegre prefere “não ficar olhando para as paredes” com os hóspedes. Inventava gravações, encontros, “qualquer coisa”. A casa parece sempre pronta para a criação. A sala tem um espaço vazio, rodeado por instrumentos. Uma enorme mesa de som encostada na parede é decorada com o autêntico Grammy americano de Melhor Álbum Jazz Contemporâneo que Alegre ganhou em 2009.

Luzes pisca-pisca e cortinas coloridas quebram a aparência de estúdio. É uma sala de casa familiar: livros, sofá, uma cadeira achada no lixo. Espaço perfeito para o tipo de criação de Alegre. “Minha forma de trabalhar é com uma constelação familiar, de um afeto musical com pessoas.” Em fevereiro, o maestro Paulo Dorfman será o hóspede para gravarem um álbum em duo. Em abril, a casa descansa pois Alegre fará turnê pela Europa com seu grupo austríaco, chamado também de sua “família de lá”.

De família em família, Alegre vive sua história numa entrega impulsiva e certa. Aos 50 anos, a maturidade firmou a sensação de que “a única coisa que existe é o que acontece agora”. Permanece atento e improvisa a vida como a música.

Feliz, Alegre

O adolescente que parou de ir à escola aos treze anos para ensaiar com uma banda de baile na cidade de Passo Fundo (RS), em 1973, tem por nome de batismo Clóvis Corrêa. Por rir de coisas aparentemente sem graça era chamado por seus amigos de Feliz, abreviação para Feliz da Vida. A alcunha irritava, e os amigos usavam cada vez mais. Aos poucos, o apelido substituiu seu nome até entre os membros da banda.

Durante o Festival da Canção realizado por sua escola, Alegre empatou no primeiro lugar do concurso de composição. O troféu foi dividido com um colega de sala apelidado Gringo - hoje, o baixista Ronaldo “Gringo” Saggiorato. O diretor de sua futura banda assistiu a apresentação e gostou. Perguntou ao adolescente: “Quer fazer parte de uma banda?” Alegre nem respirou: “Quero.”

Era fã de Rock and Roll. Ouvia Suzi Quatro, Rick Wakeman, Yes, Led Zeppelin, Deep Purple... Tinha pôsteres colados na parede de seu quarto, embora não compreendesse as

letras e só conhecesse poucos rock pelo rádio. Seu gosto era pela rebeldia: quebrar a igreja metodista que frequentava aos domingos, romper com as vontades do pai.

Ouviu do diretor de sua futura banda: “Ótimo, ensaios de segunda a sexta, das 14h às 18h.” Sentiu medo. Sua garganta fechou e ele não conseguiu dizer: é o horário do meu período na escola. Durante o resto do final de semana, refletiu e decidiu. Saiu na segunda-feira como se fosse à escola. Mudou seu caminho, e foi ao ensaio.

A banda tinha homens de várias faixas etárias, músicos preparados para tocar em bailes as paradas de sucesso da época: Milton Nascimento, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Elis Regina, Chico Buarque. Alegre foi surpreendido pela necessidade repentina de aprender “aqueles acordes dissonantes da música brasileira”.

A situação durou algumas semanas. Certo dia, seu pai chamou e perguntou: “Por que você não tá indo no colégio? Não adianta tentar enrolar: eu sei que você não tá indo, quero saber o porquê.” Alegre falou apesar do medo: sobre a banda, sobre como as pessoas eram legais, músicos incríveis, que iam tocar em vários lugares. “Eu tô muito feliz”, finalizou.

O pai ouviu, e calmamente contou a própria história. Acordeonista na juventude, ouviu de muita gente que era bom, mas não conseguiu uma carreira. Foi obrigado a mudar de profissão. Criou Alegre com o dinheiro do ofício de sapateiro.

Todavia não podia forçar o garoto a nada. Desaconselhou o abandono da escola, apesar da consciência de não poder impedi-lo. Concluiu: “Só tem de prometer uma coisa: se você resolver fazer isso, seja bom. Porque se você não for bom, você tá fudido.”

Alegre ouviu. Da conversa, restaram felicidade e responsabilidade. “O velho foi muito legal comigo”, pensou.

Bagunça Boa

Alegre sentia a obrigação de fazer tudo que pudesse para aprender, “mesmo que não pudesse entrar numa escola”. Não havia tempo para ócio. “Se não tinha o que fazer, eu ia de madrugada pro banheiro estudar digitação.” Buscava conversar com instrumentistas famosos de passagem pela região. Reunia amigos. Descobriam a hospedagem do artista da vez e faziam uma visita para pedir dicas. “Uns davam, outros não.”

Logo recebeu convites de outras bandas. Trocou de acordo com o cachê. O dinheiro recebido parecia uma fortuna para o rapaz jovem e solteiro, sem escolaridade ou empregos

anteriores. Recebia salário igual ao de colegas de profissão com família e filhos. Esbanjava. Nem comprava instrumentos. “Gastava tudo com qualquer coisa, detonava, jogava pra cima.”

Os diretores de bandas costumavam hospedar os músicos mais jovens numa mesma casa alugada. “A gente ficava livre pra fazer rango, convidar nossas namoradas, ensaiar nossas músicas, compor o dia inteiro.” A amizade com o violonista Guinha Ramires surgiu nesta época e foi fortalecida por dez anos juntos em diferentes bandas.

Guinha decidiu que Alegre era um apelido mais adequado do que Feliz. Assim, criou a assinatura impressa nos trabalhos de Alegre Corrêa pelo resto da vida.. “E ele mudou de novo. Começou a chamar de Alegreto agora, aí um monte de gente já me chama de Alegreto.”



No canto inferior direito, Alegre Correa sorri ao lado do célebre Hermeto Pascoal e dos amigos músicos. Foto: Acervo

Guinha e Alegre vieram juntos para SC para rever o velho amigo Gringo no início dos anos 1980. O baixista integrava a Banda de Nêutrons, formada com o maestro Letieres Leite, o

pianista Márcio Corrêa, o saxofonista Joel Brito e o baterista Ernesto Quiroga. Alegre foi convidado a assumir a guitarra. Ao ver a qualidade dos músicos, “os caras quebrando tudo” com disposição para criar e estudar, aceitou e mudou-se para Florianópolis.

“A gente montou uma bagunça muito legal”, recorda. Letieres Leite passava por um momento de extrema criatividade. Suas experimentações surpreendiam e estimulavam os demais. Eram sucesso nos bailes. Em 1982, participaram de um encontro de rock no estádio Orlando Scarpelli. Dissolveram-se por volta de dois anos depois. Restou um lamento de Alegre:

“Pena que não tem nenhum registro. Não ficou nada. Florianópolis é pequena hoje, e na época parecia uma província.”

Não houve gravadoras interessadas na sua música experimental e instrumental. Os estúdios eram caros. Os cachês para tocar em bailes, “uma mixaria”. Alegre voltou ao Rio Grande do Sul, com convite para integrar a banda do regionalista Luiz Carlos Borges.

“Trabalhava no estúdio, shows, aprendi um monte.” Tocou com Yamandu Costa, Renato Borghetti, Pedrinho Figueiredo, Daniel Sá, Hilton Vaccari, Gelson Oliveira, Beбето Alves, Nelson Coelho de Castro, Elton Saldanha, “galera toda da música gaúcha né.”

Conheceu também Dudu Trentin, primeiro músico a cobrar de Alegre que aprendesse teoria musical: ““Que porra é essa? Toca bem pra caralho mas não sabe o nome dos acordes? Tem que saber o nome dos acordes, caralho!”. Dudu ensinou muito para Alegre, e fez a ele o convite que mudaria sua vida: tocar em clubes de jazz em Viena. Partiram para a Áustria em novembro de 1988.

Sete anos sem voltar

Alegre, Dudu e Fernando encontraram o baixista americano Glen Fisher e montaram um quarteto, o Yas Brazil. Tocaram por oito meses. O grupo foi incorporado por outro e tornou-se o Mato Grosso Group. A situação pareceu estável. Izabel, companheira de Alegre, e Gabriela, a primeira filha do casal, também mudaram-se de Porto Alegre para a Viena.

O Mato Grosso Group durou quatro anos. Durante os ensaios, também trabalhavam composições de Alegre. “Eu venho da música popular. Então eu sempre tive ligação com a composição, sempre tive muita música.” Em 1993, suas canções venceram um edital do governo de Viena. Conseguiu a oportunidade de gravar seu primeiro disco autoral.

Alegre filosofa sobre o surgimento da oportunidade. “Se você ficar paradinho esperando as coisas acontecerem, não acontece.” Tocavam sempre, e quando surgiu a chance, estavam prontos. Alugaram um cinema antigo para passar dias arranjando as canções. Chegavam de manhã, levavam sanduíches de atum e ficavam até a noite, quando deixavam o cinema infestado com o cheiro de peixe.

O disco batizado *Infância* é um acúmulo dos vinte anos de carreira que Alegre possuía. Quando chegaram as caixas com mil cópias do disco, ele não se continha de felicidade. Ciente de seu próprio anonimato, não tentou vendê-las. Enchia uma sacola com CDs toda vez que saía de casa e distribuía para qualquer pessoa que encontrasse. “Eu parava no sinal e se alguém me olhava eu perguntava: quer um disco?”

Gravou seu segundo disco álbum anos depois, financiado pela fábrica de cordas para instrumentos musicais Thomastik Infield. Negro Coração teve participação de Hermeto Pascoal e foi dedicado a seu pai. Ao recordar, Alegre faz uma pausa e passa as mãos pela testa. “Não, ele não ouviu. Ele faleceu eu já estava na Áustria e fiquei sete anos sem voltar.”

Grammy por correio

O retorno ao Brasil foi em 1996. Seu prestígio anterior foi fortalecido pela estadia fora do país. “Os austríacos meus colegas ficaram impressionados de como fomos bem recebidos.” Fizeram sete shows, com passagem por Ceará, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em um Festival de Itajaí (SC), tocaram no palco principal e tiveram a imagem de Alegre “ao lado de Milton Nascimento, num outdoor, para você ter uma ideia!”.

A turnê foi ironicamente responsável pelo encontro de Alegre com o austríaco com quem dividiria o Grammy. Ministrava uma vivência musical em Porto Alegre quando faltou energia elétrica. Na espera pela volta, Alegre notou um homem extremamente parecido com o veterano do jazz fusion Joe Zawinul. Perguntou em alemão, e comprovou: era Zawinul.

Também em turnê pelo sul do país, Zawinul leu no jornal o nome austríaco dos músicos no grupo de Alegre. Foi à vivência para descobrir quem eram. O workshop acabou transformado em seu, pois todos queriam ouvi-lo. Ele por sua vez gostou de Alegre. Despediram-se com a promessa de um projeto no futuro.

Alegre retornou à Áustria e lançou seu terceiro disco, *Terra Mágica*, primeiro a não pertencer a ele próprio - foi lançado por um selo austríaco. Em 1999, veio ao mundo *Handmade*, parceria com Guinha Ramires. No mesmo ano, Alegre virou o primeiro

brasileiro a tocar no Vienna Art Orchestra, grupo de jazz ativo entre 1977 e 2010. Gravou dois discos com a banda: *All That Strauss*, em 2000, e *Art & Fun - Vienna Art Orchestra*, em 2002.

Como integrante da Vienna Art Orchestra, Alegre realizou turnês pela Europa como a Art & Fun Tour, em 2002

Outras parcerias seguiram: com o acordeonista austríaco Karl Hodina lançou *Brasilianische Schrammeln* em 2001. Formou um trio com o trompista russo Arkady Shilkloper e o baixista Georg Breinschmid e lançaram *Mauve*, vencedor do prêmio Hans Koller Preis na categoria Álbum do Ano. No ano seguinte, venceu sozinho o mesmo prêmio na categoria Músico do Ano e dividiu o palco com João Gilberto na Ópera de Viena.

A carreira ascendia quando a união com Izabel terminou. A ex-companheira retornou ao Brasil ao lado dos filhos Gabriela e o caçula Jonas. Alegre permaneceu na Áustria. Conheceu a musicista brasileira Ana Paula da Silva. Tiveram por pouco mais de um ano um romance, que gerou o álbum *Por Causa do Samba* e Clara, a terceira filha de Alegre.

O convite para trabalhar com Joe Zawinul finalmente chegou em 2005. O austríaco fora convocado a organizar uma apresentação com músicos locais em Viena. Convidou Alegre. Causou questionamentos sobre a nacionalidade brasileira de Alegre. Manteve firmeza em sua decisão. Para ele, se Alegre tocava lá, ele representava a música da Áustria no momento. “Deu um tapa de veludo nos caras. Eu achei legal.”

Antes de ingressar no grupo, Alegre participou do “teste mais louco” de sua vida. “Pensei que ia ter de saber ler alguma coisa, improvisar sobre uns acordes, ou ele ia passar uma

música e tocar comigo pra ver se dava certo.” Não foi o que aconteceu.

Zawinul pediu que ele tocasse um riff simples de guitarra repetidamente. Após alguns minutos, Alegre fez uma variação. Zawinul levantou a mão e disse “não.” Alegre voltou a tocar o riff. Zawinul acompanhou no piano, depois parou. Alegre parou também. Zawinul novamente disse “não”. O riff voltou a soar. Durante doze minutos, o mesmo riff continuou.

O austríaco ouviu, batucou numa cadeira, numa parede, tocou de novo o piano. Finalmente, olhou no relógio e ordenou “pare”. Alegre parou. Suava frio com a certeza de que havia errado. Surpreendeu-se: foi aceito. Confuso, perguntou que tipo de teste era aquele. A resposta foi: “todo guitarrista toca esse riff, mas eu queria ver por quanto tempo”.

Para Zawinul, Alegre possuía o chamado “beat absoluto”, termo de uma teoria sua. Assim como existe o ouvido absoluto, Zawinul fala da existência de uma sensibilidade semelhante em relação ao tempo. Alegre explica:

“Beat absoluto é a sensação rítmica absoluta. Se você tem, e o ritmo da música muda um pouco, é a mesma coisa que mudar o tom.”

A segunda surpresa foi sua função na banda. Apesar de tocar a guitarra, sua função seria de percussionista. Outra invenção do austríaco. “Eu tocava uma nota só, nunca tocava muitos acordes. Sempre melódico e rítmico.” Com a guitarra no centro, os outros elementos “parecem flutuar, parece tudo fora sem estar”.

Por sua sintonia com o grupo, Alegre foi convidado por Zawinul a integrar a banda definitivamente. Subiu em vários palcos com a Joe Zawinul Syndicate. Eram shows sem ensaios, completamente improvisados. Com as mãos nos teclados e olhos arregalados, Zawinul fazia sinais discretos. Era preciso estar atento. Alegre orgulha-se: “Música é reação também. Ouvir o que tá acontecendo. Zawinul era pura filosofia”.

Alegre toca guitarra em concerto da banda Zawinul Syndicate durante o Festival de Jazz de Lugano, em 2007

Na banda estavam a percussionista belga Sabine Kabongo, o baixista mauriciano Linley Marthe, o saxofonista americano Wayne Shorter, o baterista marfinense Paco Sery, o percussionista brasileiro Jorge Bezerra e o percussionista marroquino Aziz Sahmaoui. Foi a formação responsável pelos shows na cidade suíça de Lugano e na húngara Veszprém, ambos gravados ao vivo para o disco 75.

Zawinul morreu em setembro de 2007, um mês depois dos shows. 75 foi lançado um ano depois e indicado ao troféu de Melhor Álbum de Jazz Contemporâneo do Grammy Awards em 2010. Alegre recebeu um convite para a cerimônia de premiação: apenas sua entrada, sem passagem de avião, estadia ou qualquer ajuda financeira. Caso quisesse levar um acompanhante, outra entrada custaria 500 dólares.

Alegre tinha certeza que Zawinul ganharia - se não pelo talento, pela comoção com sua morte. Ainda assim não viu motivo para ir à cerimônia. Depois da premiação, descobriu que seriam entregues um troféu para cada membro da Zawinul Syndicate, nome assinado como artista principal do trabalho. Seu troféu foi recolhido por um filho de Zawinul e enviado por correio. Hoje, ele especula: “dez segundos naquele palco renderiam show no mundo inteiro.”



Alegre com o troféu recebido pelo Grammy na categoria de Melhor Álbum de Jazz Contemporâneo. Foto: Acervo

Frequência suave

Alegre terminou amigavelmente seus relacionamentos. Passou vinte e um anos com Izabel Nascimento, mas brigavam muito, “não tinha harmonia.” Sua outra grande união, com a musicista Ana Paula da Silva, terminou quando perceberam que eram unidos pela “música, respeito, amizade, admiração, mas não amor.” Depois, ele desistiu. “Vou ficar quieto, namorar um monte, esperar a vida passar e morreu, morreu.”

Foi quando conheceu Maria Teresa Piccoli, coordenadora cultural do SESC Santa Catarina. Mantiveram uma relação profissional até ela se divorciar de uma relação de oito anos. “Aí comecei a me interessar por ela como mulher. Parece que foi ontem, mas faz sete anos.” Apaixonaram-se, e Alegre iniciou seu retorno ao Brasil.

Ao mesmo tempo, acontecia na Áustria seu momento de maior honra. “Das muitas coisas na minha vida, a maior foi o convite para tocar no Musikverein, um dos maiores templos da música erudita do mundo.” Assim recorda saudoso como em 2013 foi chamado pelo maestro Christian Muthspiel a apresentar suas canções autorais ao lado da Tonkünstler Orchestra. “Sinfônica, toda a instrumentação. Uma hora e vinte. O maior show da minha vida.”

Depois dos concertos, Alegre voltou ao Brasil. Mudou-se para Florianópolis, perto de onde vivem Izabel, Gabriela e Jonas. Com algumas horas de carro, pode também visitar Clara e Ana Paula em Joinville. “Graças a Deus me dou bem com todos eles, eles tão bem, mas eu perdi muita coisa”, admite. “Era meio hippie, não tava nem aí. Hoje, me arrependo.”

Com Maria, decidiu envolver-se na criação do lar. Acharam por um bom preço o sobrado no bairro do Campeche. Casou-se no civil pela primeira vez. Maria foi bem aceita por seus filhos, pelas antigas companheiras, pelos amigos. “Ela sabe conquistar. É positiva, bota pra cima, ajuda. Você sente ela parceira, do seu lado. Ela é incrível.”

Maria não tinha filhos, e sentia desejo de ter. “Eu sou o marido dela agora. Se ela quer ter um filho, teria de ser comigo. E aí eu fiquei afim. E agora tô aproveitando muito.” Chama Théo de gorducho, com as pernas cheias de dobras e a barriguinha redonda. Canta com voz de bebê “oi, gorducho, oi, gorducho.” Canta ao perguntar se fez cocô, ou se está fascinado por alguma coisa. Aconselha:

“*O amor existe, a relação existe, tem pessoas legais que vai dar certo.*”

Emociona-se ao elogiar Maria: “Uma pessoa muito inteligente. Sempre gostei muito de conversar, aprender com ela. Conhece literatura, teatro, música, é uma pessoa muito sincera.” Juntos, coordenam vários projetos no Clube 55, nome do espaço cultural criado em sua casa.

Entre seus projetos recentes de maior orgulho, está o IMERSOS. Músicos, poetas e criadores de audiovisual passam três dias morando em sua casa e criando do zero. Foram duas edições, em 2015 e 2016. “A experiência da convivência, de fazer comida, dividir colchão, quem vai dormir onde, quem vai lavar louça, tem influência direta na criação.”

Alegre lê sobre vários temas: literatura, física quântica, filosofia porque “todo mundo devia ler filosofia.” Acha também que todo mundo deve ter posição política, por isso diz ser “de esquerda. A favor de melhor distribuição de renda, dignidade pra todas as pessoas, e que consigamos descobrir gênios em qualquer lugar e incentivá-los.”

Não mexe em plataformas de streaming. As poucas músicas de sua discografia disponíveis na internet foram postadas por outros músicos, produtores ou ouvintes. Não tem vontade de gravar outros discos. “O primeiro CD fabricado tá intacto em algum lugar até hoje! Pra que produzir esse lixo, se as pessoas vão ouvir de qualquer jeito?” Pretende criar uma plataforma própria para seus lançamentos.

Além das turnês anuais em Viena com uma banda montada por ele com músicos que ainda vivem em Viena, possui outro grupo para shows no Brasil. As apresentações aqui são raras: com oito pessoas, é difícil encontrar espaços adequados. “Por isso artistas estão sempre disponíveis, porque precisa de mais espaços do que tem.”

Consegue mais propostas para suas apresentações solo. Possui um show de música meditativa com os instrumentos afinados numa frequência de 432 Hz, abaixo da afinação costumeira de 440 Hz. Por causa de suas leituras, Alegre acredita que os 432 Hz seriam “ a frequência de harmonia da vida e da natureza”.

A experiência sonora 432 é parte do projeto Talismã, que também conta com a produção de orgonites. Idealizados pelo psicanalista austríaco Wilhelm Reich, são peças produzidas com resina, raspas de metal e pedras de quartzo. Há orgonites em todos os cômodos do Clube 55, nas plantas e numa corrente sempre no pescoço de Alegre. Sua função é “receber as ondas magnéticas e transformar em positivo”, explica.

A música na frequência tradicional também é vista por ele como terapia. Basta aprender a ouvi-la. “A sociedade precisa de sensibilidade, e a arte é o que faz a pessoa mais inteligente, mais sensível.” Apesar das infinitas trocas de aprendizado ao redor do mundo, Alegre sente-se mais professor em outro ensinamento.

“As pessoas têm de entender que a arte é boa para eles mesmos. É para ouvir e prestigiar você mesmo. Ficar quieto e quando você vê, tá dentro da onda.”

